



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



■ ■ ■ ■ ■ POR MARIA BRANCO ■ ■ ■ ■ ■

PORQUE estarão vermelhos de chorar os lindos olhos negros de Manuelito?

Há quatro horas, apenas, ele seria o mais folgazão, desse rancho de oito garotos que, na alfândega, levantara um caixotinho, vindo do Extremo-Oriente.

Manuelito, filho único, conquanto alegre, meigo e caridoso, possuía (meu Deus!) — um grande defeito — ser terrivelmente mandrião.

— *Mandrião* — que nome tão feio, não acham? Talvez fôsse, simplesmente, distraído!

Era tão bom, correr campos-fóra, coalhados de sol, de verdura, de flores!

Tão lindo, contemplar o rio, o céu, os passarinhos e as borboletas!

Gostava imenso de folhear livros de imagens, tirando conclusões à sua vontade.

Mas as tais letras, austeras, severas, impertinentes... odiava-as.

Assim, o nosso homenzinho de sete anos, ainda não sabia ler.

A mãe entristecida, ouvia o pai, aborrecido, chamar-lhe parvo, mas o Manuelito, se amuava dois minutos, logo se recordava do seu tricicle, dos seus patins e, daí por nada, risota e brincadeira.

Faltavam três semanas para o próximo aniversário do Avô. Que rica festa!

Quatro tios, sete primos, as duas tias-avós viariam juntar-se, nesse costumado jantar de apetecidas guloseimas!

Como ele brincaria todo o dia em folguedos sem fim! Fervilhavam delícias, nos miolinhos do nosso Manuelito.

Para cúmulo de alegria, o tio José escrevera de Bombaim, enviando uma prenda a cada sobrinho!



Manuelito tinha dois primos da mesma idade que já liam correctamente.

Ele era o primeiro a notar a superioridade de João e de Carlos, mas, como não era invejoso, não estava despeitado.

Quando eles o troçavam por não saber ligar duas vogais, Manuelito, entre dois pulos, respondia-lhes, risonho:

— «Tenho tempo de aprender».

Tudo, porém, nesta vida, possui — a sua hora. Manuelito, galhofeiro e brincalhão, sofreu amarguradamente e — (oh vergonha!) — chorou convulsa, copiosamente...

Que lágrimas! Grossas como punhos, amargas como o fel, ardentes como carvões em brasa!

Aquele tio José, tão seu amigo, tão *perdoa-*



culpas», soubera, lá do outro lado do mundo, preparar-lhe a tragédia... Pobre Manuelito!...

De regresso da alfândega, os pequenitos dirigiram-se a casa dos Avós.

Competia à Avósinha Eulália, distribuir os ambicionados presentes.

Henriqueta, Marília e Eugénia foram contempladas com mimosas bonequinhas japonesas,

enroupadas em lindos quimonos de variadas sedas. Para o «aguarellista» Milú, um magnífico livro de estampas chinesas.

Aos quatro rapazelhos, incluindo Manuelito, maravilhosas construções-infantis — adquiridas na Índia-Inglesa.

— Condição indispensável: — Cada sobrinho, teria que ler as instruções que, pacientemente, o tio José traduzira e dactilografara...

Carlos e João soletraram a correr. O primeiro recebia um aeroplano, o segundo um navio.

Antonito juntou as sílabas devagarinho, pausadamente. Depressa desembrolhou um automóvel.

E Manuelito?! Atrapalhadíssimo, muito córado, abria muito os olhos... mas não lia nada.

Gaguejava aqui um ó, acolá um í mas a respeito de conseguir juntar duas vogais...

Porque seriam aquelas picadinhas nos olhos e na garganta? Entretanto o Pai interrompeu-lhe as hipóteses.

«Precisavas desta chicotada, meu pobre pôl-trozinho selvágem! Vamos para casa!

(Continua na pag. 7)

BARATINHA AJUIZADA

Por GRACIETE BRANCO



Dona Baratinha andava assustada com certa coisinha, que ouvira à criada dizer na cozinha.

Mas a Rata prêta — sua concunhada — dissera: — «Que trêta!... Nunca fazem nada... Tudo isso é «pêta»...

Então ela pensa poder-nos matar?!... .. Quem lhe dá licença?!... Deixá-la cantar... E' nossa a despesa...»

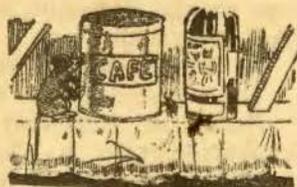
E em grande frescata, morria de riso; enquanto a Barata, com muito juízo, olhava pr'á Rata...

— «Anda Baratinha, (diz-lhe a Rata esperta...) Vamos à papinha... Vejo a porta aberta da despensazinha...»

E, num riso ledo, diz, compendo a liga: — «Que medrosa!... Credo!... Pois eu, minha amiga nunca tive medo!»

E começa entrando, — tic, tic, tic... Mas eis senão quando, num ar muito «chic», volve em gesto brando:

— «Que cheiros singelos hoje encontro aqui!... Uns pós amarelos?! Ai, que nunca vi petiscos tão belos!...»



Mas, logo, assustada, responde a Barata: — «Eu não provo nada!... Se esse pó nos mata, minha concunhada?!»

— «Pode lá matar?!... Não seas piegas... Eu vou já provar... Pra ver se sossegas tanto matutar!...»

Muito triste e só pôs-se a Baratinha cheinha de dó... enquanto a Ratinha lembou todo o pó!

— «Ai, meu coração! (grita desvairada, a Rata-Negrão!) Minha concunhada, tu tinhas razão!



Já daqui não sai o meu corpo morto! A Vida se vai... Sinto o nariz tórto, ai, ai, ai, ai, ai!...

Barata, apressada, quasi num chilique, fugiu para a escada, — tic, tic, tic... muito ajuizada.

Prova esta lição dum modo engenhoso, que é bem proveitoso termos precaução.

Pois a Baratinha, toda ajuizada, se fôsse atrevida, perderia a Vida como a tal Ratinha sua concunhada.

HAVIA AQUI HA UNS ANOS...

POR MARIA JULIA DE LEMOS

HAVIA, aqui, ha uns anos, uma menina mázinha, que tinha Papá, Mamã e, também, uma Avózinha

Como disse, era bem má; e, então, para a Avó pior!... Dir-se-lia que era por ser quem a tratava melhor.



Se ia com ela a passeio, birrenta, não qu'ria andar. Deitava-se até no chão a gritar e a espernear.

E a Avózinha, uma santinha, santinha talvez demais, ralhava mas encobria, o que ela fazia, aos pais.

Dava-lhe açoites a Mãe, ao vê-la fazer maldades; Mas logo a Avó acudia: — «Sabes que nestas idades

de nada serve bater! Eu cá por mim, ai Deus meu, qu'ria morrer e poder ir com ela para o Céu!»

Contudo, à menina má, nada, nada a convencia! Nem se o papá lhe ralhava nem se a Mamã lhe batia!

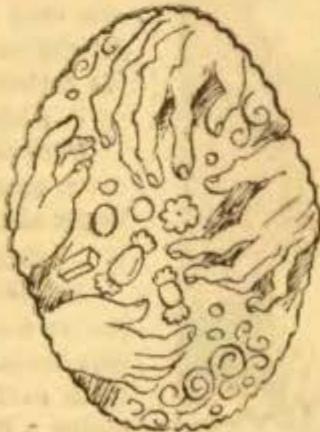


E como mesmo rabina, estudava e era meiguinha tinha tudo quanto qu'ria da boa e ingénua Avózinha.

Eram bonecas de loiça, rebuçados e bombons, livros para colorir, lápis de todos os tons...

A's vezes, se a boa Avó dizia triste e meiguinha: — «Se eu gosto tanto de ti, porque hás-de ser tão mázinha?!...»

Não sabia, não sabia; não estava na sua mão. Fazia maldades mesmo depois de pedir perdão.



Num triste dia, porém, a Avózinha adoeceu. Andavam os Pais ralados e a netinha entristeceu!

Nem já fazia barulho batendo seus pés no chão; não qu'ria que piorasse a Avózinha; aí, isso não!

Tinha lá ido o Doutor que dissera preocupado: — «Evitem-lhe as comocões e penham muito cuidado!»

Já, de idade e tão fraquinha não sei se resistirá! Sabem, então, o que fez a menina que era má?!...



Não podendo já passar sem as festas da Avózinha, que contava lindos contos e tanta paciência tinha,

ajoelhou e pediu ao Pai do Céu, a rezar, que melhorasse a Avózinha e que a fizesse curar.

Que se Deus lhe fizesse isso muito boa se faria; não mais seria birrenta e nunca mais teimaria.

Pois assim aconteceu. Sua Avózinha curou-se. E, então, tal qual prometeu, a tal menina emendou-se.

Passaram-se uns oito anos e, hoje, ela que já cresceu, tem saudades da Avózinha que, de velhinha, morreu!



HISTORIA BANAL DUM GATO GAIATO

Por Graciete Branco
Desenhos de A. Castañé

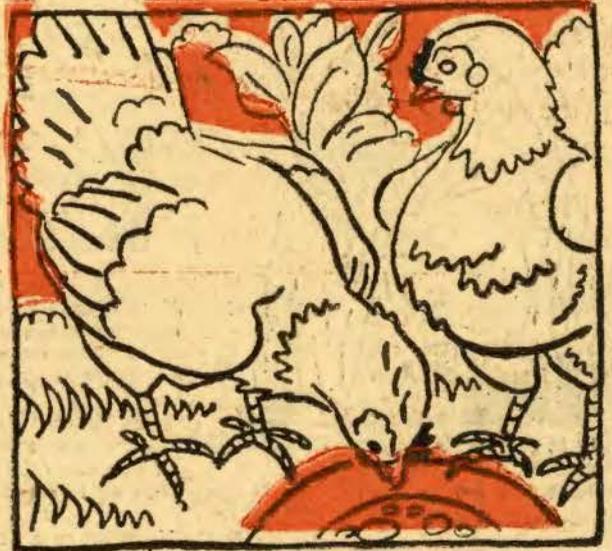


ERA uma vez um gato-gaiato rinhánháu-miáu, que vivia cheio de fome, porque era um cobardão medroso e porque não estava também para se machar a descer cá baixo a apanhar as sobras que ficavam nos pratos das capoeiras dos quintais.

—Oral!—dizia ele.—Era o que me faltava! Cansar-me a descer, para essas delambidas me darem picadas!

(As delambidas eram as galinhas que tinham uma grande embirração que fóssem roubar-lhes os restos sem prévio consentimento).

No entanto, no tópo do telhado, senhor Rinhánháu, sempre que via um prato luzindo na



capoeira, sentia um não sei quê no coraçãozito, que começava mais depressa:—Tic-Tac Tac-Tic... e uma certa água a crescer-lhe na boquita... a crescer... a crescer... a crescer... que

até se babava todo! Coitadinho! Pois se éle apenas se alimentava de algum rabito de peixe furtado, no beiral, a qualquer outro rinhánháu imprevidente e tímido!...

Mas, numa certa tarde, estando o nosso bichano, com certo ar magano, a piscar o olho a certa andorinha vaidosa, ouviu, partindo da rua, este pregão cantado, espevitado e sonoro:

—«Gatos em pratos! Deita gatos em pratos!»

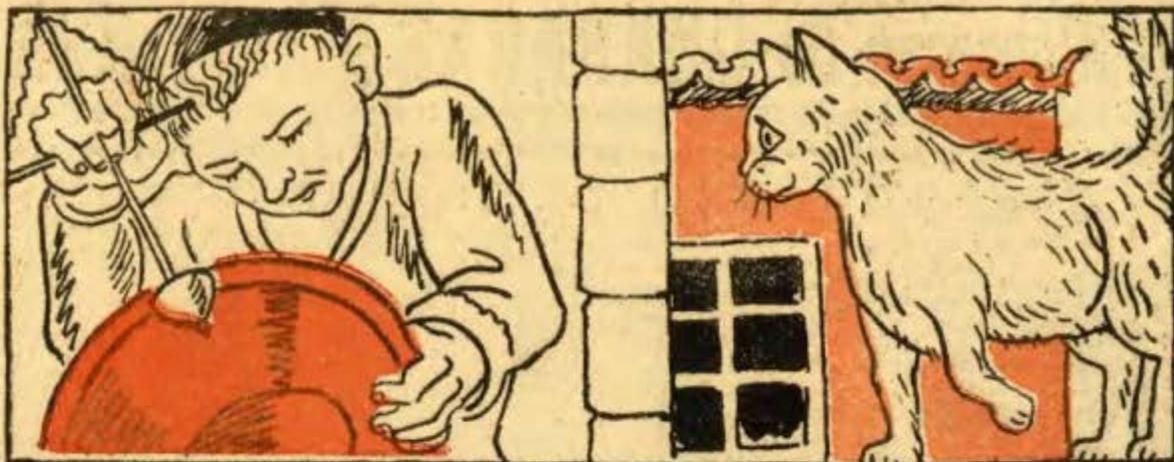
Quedou-se o nosso Tareco, duvidando o que ouvia, quando, de novo, o pregão subiu, numa entoação alegre:

—«Deita gatos em pratos!...»

Miáu-Rinhánháu, surpreso, pateta, idiota, levou as mãos, petulantemente, à cintura, e atirou uma destas gargalhadas capazes de fazerem fugir todos os ratitos gorditos e magritos que enxameiam o Mundo!

—Ora esta!...—murmurou, sufocado de espanto!

Então não anda este palerma pelo Mundo, só para dar de comer a todos os gatos que têm fome!? Bem, Mas vamos aproveitar esta santa missão. Em melhor ocasião não podia éle vir...



... Põe gatos em pratos, hein?!... Pois é isso mesmo que me convém. Mãos à obra.

E, enquanto, velozmente, descia pelo velho beiral, contornando prédios e caminhando por muros, monologava, convicto, cheio de superior confiança:

— E é claro que os pratos estão cheios de belos petiscos, porque, — é de ver! — um homem destes não andava no mundo, numa missão tão nobre, para fazer má figura!

E gargalhava, nervosamente, em ar de zombaria:

— Grande palerma és!... Vais encher-me a barriguinha e não te dou um rial!...

De repente, dá um saltinho para o chão e começa caminhando, confiadamente, pela calçada além.

A traquitana do amola-tesouras ia-se aproximando e Miáu-Rinhánhau, vendo-o surgir numa esquina, tossiu forte, torcendo e retorcendo as pontas do bigode negrote.

Nesse momento, porém, o amolador parou, enquanto, tomando um pequeno objecto que de uma janela alguém lhe entregara, começou procedendo à sua amolação, chispando a roda milhares de luzentes faúlhas.

A uns dez passos de distância, Mestre Rinhánhau teve um sorriso superior, dizendo para consigo:

— Pobre palerma! Como me avistou já está acendendo o lume!...

E, parando junto à velha traquitana, dirigiu-se-lhe nestes termos:

— Aceito o teu oferecimento.

Serve-me, quanto an.....

Mas não pôde concluir a frase, porque o amolador, num gesto rude e pouco amável, atirou-lhe um pontapé, resmungando ameaçadoramente:

— Vai-te, gato sapato!

Estes malditos não fazem nada e só servem para atrapalhar uma pessoa.

A vida custa a ganhar!...

Numa correria louca, veloz, aparvalhada, Mestre Bichano regressou, de focinho à banda, ao seu beiral, monologando filosoficamente:

— E' bem certo! Sem trabalho nada se consegue! Quiz comer, fiquei comido! Aquilo deve ser um restaurante ambulante, mas para gatos fidalgos que paguem a sua conta! Nada! Vou passar a trabalhar e comer à minha custa.

Estou devéras arrependido da vida que tenho levado, mas prometo emendar-me trabalhando para meu sustento, em vez de mendigar.

Nos canos há muitos ratos e com certeza que as delambidas galinhas não hão-de negar-me os restos, se eu lhes pedir, muito delicadamente:

— «Vossas Excelências, Senhoras Donas Galinhas, permitem que um humilde bichano lave a vossa baixela?!»

■ F I M ■



1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

MAIS VENCEDORES DA VIII SÉRIE

Mascote, Maria Fernanda L. A. Moreira, Maria Zé, Kem Manards, Detective Amador, Pim-Pão, Manuel Lopes Rodrigues, Natércia Dorotea Duarte, Armando Saturnino, Socrates, Saturno, Fidalgo dos Santos, Cheri-Bibi, Doutor Charadista, Diabrete, Saricote, El-Bravo, William; Babeta, Arsene Lupin.

VENCEDORES DA IX SÉRIE

Armando Saturnino, Gina, Ivo Farrusco, Dona Rufa, Hé, Izabel Maria, Camões, Jorge Carlos-Carvalho, Azeltona, N. Joyce, H. Moniz, Aldita, Zé Bucha, Alcamosi, Condessa Caganita, Tic-Tac, Texas-Jack, Alfredo Lopes Cascais, Joaquim Alves Pita, Africana, Carril, Anotas, Prêso, Fixe Pocarlicense, Eugénia, Miss Pocarlica, Bananal, Bernardina J. M. Menezes, Joaquim Mesquita, Miola, D. João, Um dos Doze, Homem Ascaco, Madan, Antonio Barros, Leão das Selvas, Kalifa, Mascote, Don Fafe, Zeca, Ziul, Zecalculos, Lauro Adalberto, Nando Januario, Jacintinho, Angelita, Um leitor esquerdo, O Nicolau, Alexandra, Gimbrinhas, Dr. Planaca, Sir Fantasma, Pim-Pão, Picarnan, C. Redondo, Aramis, Alfredo José Tavares, V. Quixote J. Sancho Pança, Edith Mary, Olho de Lince, Maria Fernanda L. A. Moreira, Mario Jose Mimoso Paisca, Um de marmelite, Zé Fantarrão, Francisco Taborada, Maryssita, Coca-bichinhos, Maria-Zé, Eduardo Santos, Renato Pinto da Silva, velha Peralta, El-Magrito, Barnabe, D. Cachalote, D. Jacaré, Um obdicense, El-Gordo, Raul Soares No-

bre, Detective Amador, Baho-Babinho, Micles de Tricles, E. de Rabachol, Mira-Nana, Zé Mludo, D. José Caranguejo, Natércia Dorotea Duarte, Zecamarão, Nita Mendes Chaves, Quimane, Cochicho, Hcha do Liceu C. M., Ego, Lita, Madame X, E. Motrena, Faneca de Santarem, Fakir, Pica-Pau, El-Magro, Um menino da Luz, Poca, Arsene Lupin, Nêcas, Fidalgo dos Santos, Sofia Pedro, Jose Maria (Campeão), Antero dos Santos Ribeiro, Zé Quitolas, Paradeira, José Dourado d'Oliveira, Rigoieto, Arizla, Patachon, Lord Donipkam, Nazaré da Pávoa, Vinalvalazere, Babeta, Saricote, Papa-ovos, Antonio Inacio Pinto, Jafel, Dr. Calfinas, Timpanas, Pingulnhs, Carrêno, Ponto e Virgula, William, Fantoma Negro, Poney, Harlanecas, João Pereira Barbosa, Gulda, Zedarganil, Maker of Charadas, Joaquim Carlos Pinha Farinha, Aprendiz, Prototécnico, Correlo, Moleira, Dr. Flores, Agula Trancosana, Grillinha, Manecas de Santo Amaro, Ferrabaz, Abelha-Mestra, João Lourenço, Mimi Perreira, Perudimo, Carlos Figueiras Martins, Maria de L. Gomes, Antonio Belo Bicher, Andorinha, José Hespanha, Porfírio Cordeiro, Verdigota de Entre-Campos, D. Perciles, Tintinha Sobral, Poeta afamado, Jogaraes, Maria de Lourdes Felix, João da Cidade J.º, A. Moura, D. Quixote, Um novo decifrador, Anibal Ortiz Martins, Carvendol, Artur Pereira, Lagartixa Nervosa, Arreng Otner, Saloto, Bel da Vivaçidade, O desportista, Nita, Decifradista, Compadre Xabregas, Cortegneças, Diabrete, El-Diablito, Nick-Carter, Senfiliista, 7, 7, 7, 7, (quatro concorrentes sem nome nem morada).

Premiados nas Séries II a VI

PIORRA, H. MONIZ, PERDIGOTA DE ENTRE CAMPOS

Que receberão um lindo livro de contos históricos

Premios de consolação (construção para armar)

N. JOYCE, MARMELO VERDE, LEÃO DAS SELVAS, D. FAFE

VENCEDORES DAS SÉRIES III A VII

Abelha-Mestra, Brincalhão, Don Fafe, Ego, El-Rei Gomos V, Hellos, H. Moniz, J. B. Campina J.º, Leão das Selvas, Manuela Vesitação Sereno, N. Joyce, Perdigota de Entre Campos, Rei da Italia, Um de Marmelite, Vencedor, Zeca.

VENCEDORES DAS SÉRIES IV A VIII

Abelha-Mestra, Armando Saturnino, Hé, Cuca e Nico, Don

Fafe, Ego, El-Rei Gomos V, El-Magrito, El-Magro, Fakir, Helio H. Moniz, Izabel Maria, J. B. Campina J.º, Leão das Selvas, Leunamy, Manuela Vesitação Sereno, Maria de Lourdes, O Presbitero, Perdigota de Entre Campos, Rei da Italia, Ricardo, Texas-Jack, Um de Marmelite, Um obdicense, Vencedor, Zeca.

Todos estes concorrentes tem direito ao sortelo.

Os prémios, conforme anunciamos, são constituídos por 3 livros de histórias e mais 10 construções de armar «O avido Junkers», como prémio de consolação.

IMPORTANTE — Pedimos a todos os concorrentes com direito a sorteio que nos enviem com a maior urgência os seus retratos, para serem publicados, nas condições do concurso. Estes podem ser pequeninos, formato dos de cartão de identidade. Na carta em que fizerem a remessa dos retratos, deverão mencionar Nome, Pseudónimo, Idade e Morada.

XI Série

MAIS CHARADAS EM FRASE!

- 1.ª — Há uma bebida que nos portos de embarque se dá aos animais carnívoros. 1-1
Don Fafe
- 2.ª — Vinga sem pena porque foste maltratado. 8-1
Stop
- 3.ª — Faz alto! Esconde o porco, que lá vem o gato. 1-2
Oliva
- 4.ª — Dêste-me na face com um cacete por causa deste peixe. 2-1
- 5.ª — Uma mulher que confieço, ftxa residencia neste país. 2-2
Detective Amador
- 6.ª — Acolá há gente que aprecia este crustaceo. 1-2
Rei da Italia
- 7.ª — Esta nota é mais apreciada pela minha parenta do que um bocado de pão. 1-2
N. Joyce
- 8.ª — Apesar de isolado aquele homem sem vista, vive com descanso. 1-2
- 9.ª — A mulher do Minho usa contas. 2-2
O Presbitero
- 10.ª — Na parte do navio de acolá está um batráquilo. 1-1
Zé Fantarrão
- 11.ª — Logo se nota que ele não tem pena do destino. 1-1
Antonio Martins
- 12.ª — E Deus logo suspende a fera por causa de um homem. 1-1-2
Ber Latino
- 13.ª — Deu-lhe com uma moça e não teve pena de o deixar moído. 2-1
José Hespanha

- 14.ª — Chega a parecer estranho que este cabelô branco que calu no rego parecesse um peixe. 1-2
Pirólito
- 15.ª — E eu aqui não resumo as despedidas da caixa. 1-2
Nitinia
- 16.ª — Entre esta habitação e a parte do rosto existe uma aliança. 2-2
Leonel F. Pias
- 17.ª — O menino foi ao rio buscar água para encher este recipiente. 2-2
Zé Delgado
- 18.ª — Procurando aqui a licença canónica encontrei um preguiçoso. 1-2
Neia
- 19.ª — Nesta residencia, um animal doméstico, estragou-me uma peça do vestuário. 2-1
H. Moniz
- 20.ª — Quem te disse que aqui nesta provincia portuguesa não havia estrada? 1-2
William

Para ter direito a figurar no Quadro de Honra é necessário decifrar pelo menos dez charadas das que acima publicamos.

As decifrações, nas condições do concurso, devem estar em nosso poder até às 6 horas da tarde do dia 5 de Novembro (sábado).

TIO TÔNIO
Rua do Seculo, 43
L I S B O A

CONTRA A PREGUIÇA:--A DILIGENCIA

(Continuação da pagina 2)



O brinquedo fica aqui, até poderes preencher a condição, das clausulas do tio José.»

A Avósinha Eulália ia vacilar... mas o Pai arrebatou-a a esse gesto, de fraquesa-amorosa:

Três semanas bastaram a Manuelito, para

aprender a ler. Quando o avozinho fez anos, todos os netos se divertiam no jardim, com os seus ricos brinquedos-asiáticos. O comboio de Manuelito era soberbo!

Mas melhor, era, ainda, achar lindas as letras e compreender quanto nos valem estas «negras amigas».

FIM

CORRESPONDENCIA

Zé Ribeiro — Recebi a tua cartinha e vou responder ao que nela me pedes:

- 1.º—O pedido de capas para encadernar os «Pim-Pam-Pum» deve ser dirigido a Administração de *O Seculo*.
- 2.º—As capas encadernam um ano completo.
- 3.º—A pouca e pouco verás satisfeito o teu pedido de construções.

Um abraço.

Hilário — *Evora* — A solução das palavras cruzadas pode vir a seguir como costuma vir o questionário.

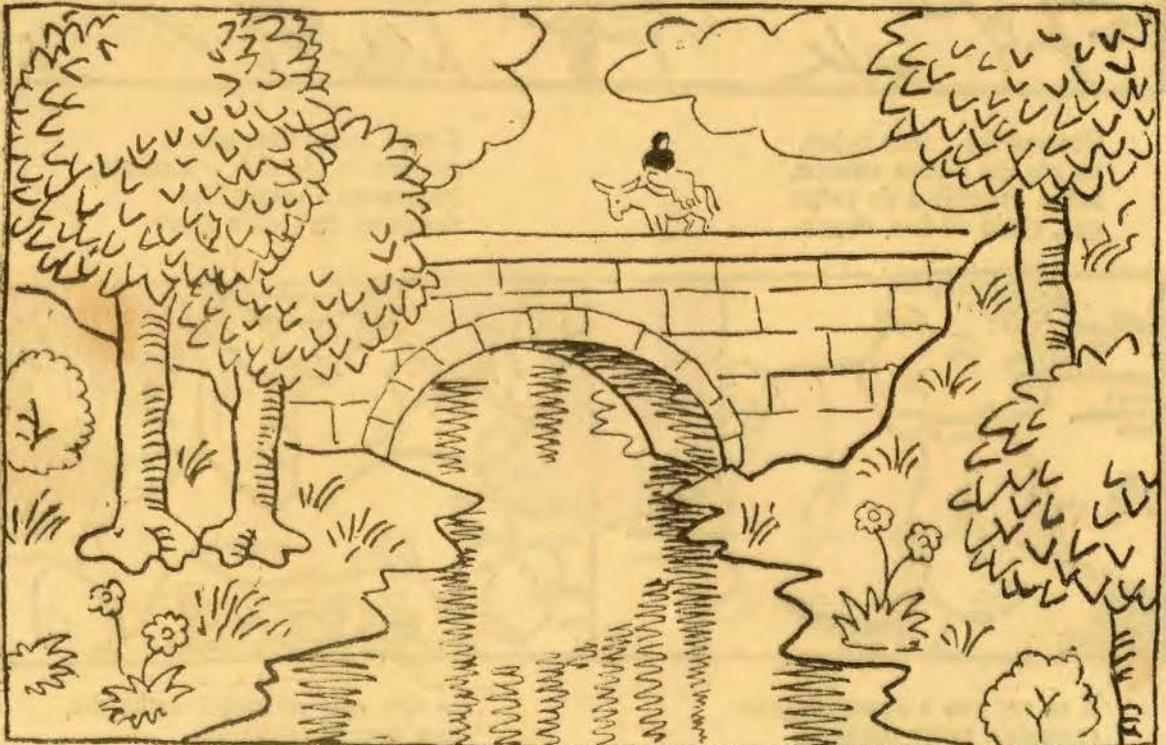
Estou sempre às tuas ordens.

A. Loureiro de Sá — *Covilhã* — Embora falte dizeres a idade, os teus desenhos foram para a bicha.

E com respeito ao Concurso? Ficaste tão satisfeito e não apareces?

Tio TÓNIQ

PARA OS MENINOS COLORIREM

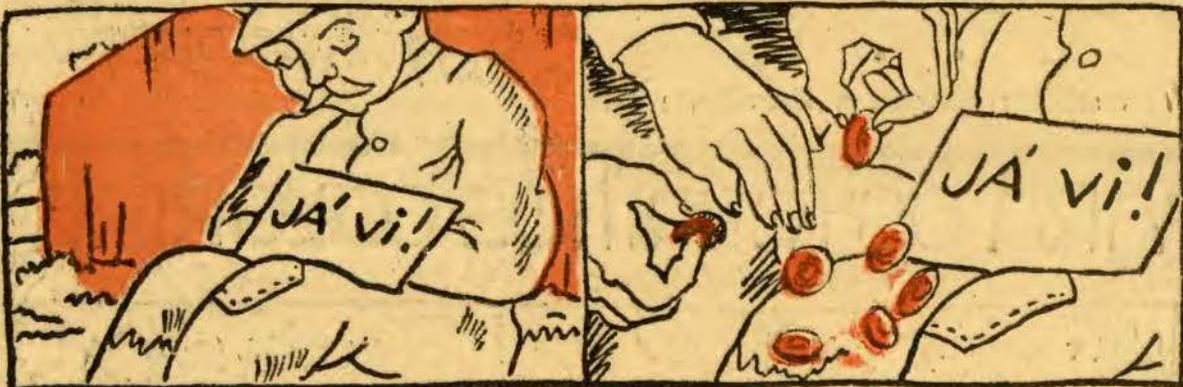


UMA BELA ACCÇÃO



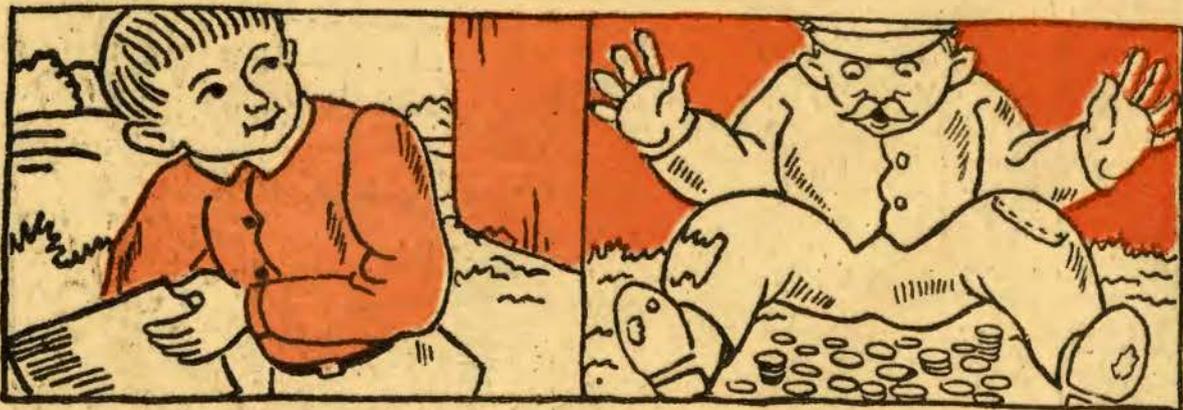
O Manuelzinho Carvalho,
vendo, a dormir, num degrau,
um op'rário sem trabalho,
quiz provar-lhe não ser mau.

Consigo próprio contente
e com dó do proletário,
o nosso herói, prontamente,
vai ao encontro do op'rário.



Ocorreu-lhe a idéa nobre,
de pôr um dístico enorme,
sôbre os joelhos do pobre
que, cheio de frio, dorme.

E nele, como inscrição,
escreve: — «já vi!» — sómente,
inspirando a compaixão
dos ricos, de toda a gente.



E ao ver que o desempregado
conseguiu muito dinheiro,
tem o piedoso cuidado
de retirar o letreiro.

— «Oh que milagre!» então diz,
com grande satisfação,
mal acorda, o infeliz,
vendo o dinheiro no chão!